



PRECONCEITO RACIAL: UMA ABORDAGEM EM SALA DE AULA

Érica Antonia Dantas de Andrade Almeida; Francisco Klébio Monteiro da Silva; Eliene Alves Fernandes; Ana Maria Carneiro Almeida Diniz.

Universidade Estadual da Paraíba. ericaandrade_2009@hotmail.com; monteiroklebio@gmail.com; ajlnalves@hotmail.com; ana_diniz_4@hotmail.com.

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de analisar a questão racial no Brasil por um ponto de vista histórico e sociocultural, dando maior ênfase às manifestações da discriminação racial em sala de aula e suas motivações. Através de uma pesquisa bibliográfica de caráter historiográfico e crítico, tendo como principais autores consultados Moura (1994), Munanga (1988) e Guimarães (1999), questionamos a existência e o funcionamento do racismo em nosso país e propomos medidas que possam ajudar a combatê-lo, desde a instituição de ensino, para que se crie uma cultura de tolerância às diversidades, sobretudo, por ser nosso foco, as diversidades étnicas e de cor da pele. Após uma introdução que expõe a origem das desigualdades raciais tomando como princípio a escravidão dos negros em nosso país, definimos raça e racismo. Exposta a pesquisa e suas conclusões, demonstramos nosso trabalho em sala de aula do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas, na cidade de Catolé do Rocha, Paraíba, através de uma dinâmica/pesquisa aplicada denominada “Rompendo o preconceito racial na sala de aula”, aplicada com o objetivo de diagnosticar o pensamento dos alunos sobre as questões raciais e suas complicações.

Palavras-chaves: Diversidade, Sala de aula, Racismo.

ABSTRACT: This work aims to analyze the racial question in Brazil through a historical and sociocultural point of view, giving emphasis on manifestations of racial discrimination in the classroom and its motivations. Through a historiographical and critic bibliographic search, whose main Authors consulted were Moura (1994), Munanga (1988) and Guimarães (1999), we question the existence and operation of racism in our country and propose actions that can help to face it from the educational institutions in order to create a culture of tolerance for diversities, overcoat, because this is our focus, ethnic and color diversity. After an introduction that explains the origin of racial inequalities starting by the black people slavery in our country, we define race and racism. Once exposed the search conclusions, we expose our work in classroom of 1st grade at the State School of Innovative Education Obdúlia Dantas, in the city of Catolé do Rocha, Paraíba, through a group dynamics / Applied Research called "Breaking the racial prejudice in the classroom", applied with the goal of diagnosing the opinions of the students about the racial question and its complications.



Keywords: Diversity, Classroom, Racism.

INTRODUÇÃO

Nossa nação encontra-se historicamente formada por pessoas das mais diferentes origens: brancos, descendentes de portugueses, italianos, alemães e outros povos europeus, negros (afrodescendentes), indígenas e seus descendentes, e pelas mais variadas misturas entre esses elementos. Desse modo, existe uma grande variedade de costumes, crenças e culturas que precisa ser respeitada. Contudo, sabemos que, na maioria das vezes, esse respeito não existe, e assim surge um preconceito racial disfarçado.

De acordo com Guimarães (1999, p. 67), o racismo brasileiro é “[...] um racismo sem intenção, às vezes de brincadeira, mas sempre com consequências sobre os direitos e as oportunidades de vida dos atingidos”. Isto significa que as expressões racistas mais comuns são mascaradas por brincadeiras, piadas depreciativas que não têm o seu teor preconceituoso explícito e são, em muitos casos, aceitas de forma pacífica pelas vítimas. Expressões como “inveja branca”, “cabelo ruim”, “palavras de baixo calão” etc. são comumente usadas em diversas esferas do convívio social, mas não são tidas como racistas para grande parte da sociedade, pois não “ferem a integridade física e moral” da vítima. O que há é uma confusão generalizada ocasionada por uma série de ideologias perpetradas ao longo dos anos que pregam que, por ser um país de população mestiça, o Brasil está livre de preconceito racial.

Desse modo, objetivamos com esse trabalho analisar com auxílio dos pressupostos teóricos propostos por Guimarães (1999), Munanga (1988), Moura (1994) e as manifestações racistas explícitas e implícitas no contexto de uma turma de 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas, na cidade de Catolé do Rocha-PB. A relevância dessa pesquisa encontra-se no fato de observar em sala comportamentos regidos por ideologias e preconceitos e, a partir de discussões, trabalhar o senso crítico dos indivíduos envolvidos, conscientizando-os sobre o preconceito racial (explícito e implícito), bem como os seus efeitos nas vidas das pessoas que sofrem com tal estigma.



2. O RACISMO NO BRASIL

O racismo não é algo característico e originário de nossa gente brasileira, é a herança de um processo baseado na mão-de-obra acessível de povos considerada inferiores. Em vista disso, percebemos a aproximação entre o racismo e a escravidão: o elemento branco europeu era a classe de prestígio, os dominadores, crendo-se abençoados por Deus com o descobrimento da Terra Prometida e sob a responsabilidade de cultivá-la e dominá-la, como afirma Mello (1986, p.34):

Era, pois generalizada, sobretudo entre eclesiásticos, a ideia de que o descobrimento do Brasil fora ação divina; de que, dentre todos os povos, Deus escolhera os portugueses; de que estes, uma vez senhores da nova colônia, tinham por dever nela produzir riquezas materiais — explorando a natureza.

Sentiam-se, pois, superiores. Por seu caráter “aventureiro”, em oposição ao homem “trabalhador”, como classifica Holanda (2014, p.56), “O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho”. Por não possuir um estilo de vida orientado para o trabalho e a austeridade, os portugueses colonizadores buscaram a saída mais fácil para extraírem as riquezas de nossa terra naturalmente farta: a mão-de-obra escrava. Em um primeiro momento, como sabemos, escravizaram-se os índios, nativos da terra. Por não conhecerem estes, no entanto, os ideais de vida voltada para a produção mercantilista, a escravidão indígena nunca foi bem sucedida. Trouxeram, então, do continente africano, escravos negros, para trabalharem na agricultura e demais obras que não cabiam a homens conquistadores.

Mesmo com as leis que prejudicavam a instituição da escravidão, que foram progressivamente surgindo na época da monarquia brasileira após séculos de cativeiro, e com a fatal abolição da escravidão - que veio através da Lei Áurea, assinada em 1888 -, os negros continuaram a ser estigmatizados, e, o pior, pouco tinham em que trabalhar e onde morar,



tendo, assim, direitos humanos básicos negados. Apesar disso, diz-se que há, no Brasil, uma democracia racial, que, diante das leis, os homens não são julgados pela cor de sua pele, que a escravidão já vai em águas muito passadas para ainda dar frutos. Essas afirmações são desmentidas por Moura (1994, p.160).

O racismo brasileiro [...] na sua estratégia e nas suas táticas agem sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos. [...] não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e completa democracia social, política, econômica, social e cultural. Um país que tem na sua estrutura social vestígios do sistema escravista, com concentração fundiária e de rendas maiores do mundo [...], um país no qual a concentração de rendas exclui total ou parcialmente 80% da sua população da possibilidade de usufruir um padrão de vida decente; que tem trinta milhões de menores abandonados, carentes ou criminalizados não pode ser uma democracia racial.

Desse modo, a ausência de preconceito racial que é apresentada por uma suposta “democracia racial” é apenas um modo de camuflar a realidade, ou seja, as crenças racistas continuam tendo raízes na maioria dos indivíduos, de forma silenciosa e não aparente. Antes de observarmos as sutilezas discursivas sobre as quais se sustenta o racismo sem ser sentido pela maioria das pessoas, é importante propor uma conceituação de raça e de racismo, para que haja conhecimento do problema, e de como ele foi entendido em diferentes tempos históricos.

3. RAÇA E RACISMO: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

O conceito de raça foi entendido de formas muito diversas em diferentes épocas. Na época medieval, a raça era caracterizada pela descendência, isto é, dizia-se de um grupo de pessoas que recebiam as características físicas de forma hereditária, que constituíam uma raça. A concepção atual de raça foi muito influenciada pelas crenças modernas, então tidas como científicas, mais especificamente do final do século XVII, que eram uma tentativa de



classificar uma humanidade tão diversa através de traços físicos. O fato de essas teorias terem sido consideradas científicas pelos estudiosos contribuiu para dar o suporte teórico de que a escravidão precisava para justificar-se, ocorrência de que podemos ter exemplo em Munanga (1988):

Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que se identificava com os Francos, de origem germânica em oposição ao Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos Gauleses, mais do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. Percebe-se como o conceito de raças “puras” foi transportado da Botânica e da Zoologia para legitimar as relações de dominação e de sujeição entre classes sociais (Nobreza e Plebe), sem que houvessem diferenças morfo-biológicas notáveis entre os indivíduos pertencentes a ambas as classes.

A afirmação da existência de diferentes raças humanas vem, portanto, da investigação científica moderna, e baseia-se nos mesmos critérios usados para classificar animais e plantas: as características físicas. Tal divisão entre seres humanos tornou-se uma justificativa para a escravidão, pois a hipótese de que existem na humanidade raças superiores e inferiores, assim como existem animais de características físicas bonitas e desejáveis ao lado dos feios e repugnantes, foi logo usada para que as “raças inferiores” fossem rebaixadas a um nível de subjugação e servidão.

Com relação ao termo racismo, surgiu por volta de 1920, porém nunca se teve uma definição fixa do seu significado, possibilitando diversas interpretações no seu uso. De acordo com Munanga (1988), o racismo seria

[...] teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm



características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

Podemos ver, deste modo, o racismo como a segregação de uma raça considerada “inferior” diante de uma “superior”, branca, colonizadora, cristã. Clássico exemplo dessa estratificação racial é o Nazismo alemão, que pregava a existência de uma raça pura e superior, a raça ariana, alemã. Todos que não se enquadravam nas características raciais ideais deveriam ser ceifados da sociedade, pois de certo modo maculavam a sua vernaculidade. Essa segregação foi responsável por um dos maiores eventos mundiais do século passado: A segunda guerra mundial.

4. METODOLOGIA

Nossa pesquisa de campo foi executada em uma turma de 1ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Obdúlia Dantas na cidade de Catolé do Rocha, interior da Paraíba. A turma em questão conta com 48 alunos com idades entre 14 e 15 anos. Com o auxílio da direção da escola, o projeto está sendo executado semanalmente (Quartas e Quintas-feiras). Justificamos aqui o uso do verbo no presente empregado na sentença anterior, pois o projeto ainda está em curso mas, mesmo não concluído, já apresenta alguns dados sólidos úteis à comunidade acadêmica e social.

Com esse trabalho, objetivamos, majoritariamente, o desenvolvimento do senso crítico dos discentes das séries iniciais do Ensino Médio, no que diz respeito às mais diversas manifestações racistas, sejam na literatura, na música, nas mídias e no próprio cotidiano escolar e social dos alunos envolvidos. Aliando a teoria de Bento (2002) aos gêneros textuais (conto, crônica, tirinha e música, em especial) buscamos executar este projeto e constatar e desmascarar formas ocultas e ideológicas de racismo, bem como trazer contribuições para a escola, para a academia e, principalmente, para os indivíduos envolvidos no processo.

4.1. ROMPENDO O PRECONCEITO RACIAL NA SALA DE AULA

Em um primeiro momento, foi aplicada uma dinâmica/ atividade de pesquisa denominada “Rompendo o preconceito racial na sala de aula”. Dentre os objetivos pretendidos, destacamos:

- Identificar e compreender que há diferenças e que elas devem ser respeitadas;
- Refletir acerca do “preconceito não intencional” ou ideológico e dos pré-conceitos estabelecidos referentes ao caráter das pessoas;
- Identificar, nas diversas esferas do convívio social, as formas nas quais o racismo se manifesta.

Para não influenciar o resultado final da pesquisa, não foram trabalhados quaisquer conteúdos prévios. A atividade aconteceu da seguinte maneira: Dispostos em um grande círculo, os alunos ouviram as narrativas de três situações. O objetivo era que, a partir das histórias e de 4 retratos de crianças (duas delas negras) fixados na parede, os alunos pudessem ligar os fatos aos responsáveis/ merecedores. Em suma, os retratos das crianças seriam as alternativas de resposta para cada uma das perguntas feitas nas três situações, tornando a dinâmica, deste modo, um pequeno questionário. Feita a votação, foi hora de fazer a apuração. Foram reveladas aos alunos as crianças mais votadas em cada uma das três situações expostas.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao término da dinâmica/ pesquisa, os votos foram contabilizados e os resultados discutidos em sala de aula. Diversas expressões racistas foram usadas durante a execução da tarefa. Historicamente, os negros foram vítimas de estigmas e foram rotulados como “maus”. Isso refletiu no resultado de nossa pesquisa.

Situação 1:

Várias crianças estavam participando de um campeonato na escola, quatro delas venceram, porém havia apenas um troféu. Vamos imaginar que vocês são os juízes no campeonato, para quem vocês dariam o troféu?

Situação 2:

Você estava na sua casa e, de repente, ouviu alguns gritos de socorro. Você foi até o portão e encontrou uma senhora apontando para as crianças, dizendo que uma delas havia lhe xingado e tentado lhe roubar as sacolas. Como a senhora estava muito descontrolada, não foi possível identificar quem havia lhe desrespeitado e as crianças saíram correndo assustadas. Qual das crianças você acha que desrespeitou a sem hora?

Situação 3:

Haverá um a festa muito legal em sua casa, condomínio (ou bairro) e você terá o direito de levar apenas um convidado. Quem você escolheria para levar à sua festa dentre as crianças que estão expostas no quadro?



Imagem 1: Esquema de dinâmica/pesquisa aplicada.

Estatísticas





				
Situação I	43,3 %	21,7%	21,7%	13,3%
Situação II	29,8%	2,6%	32,4%	35,2%
Situação III	5,4%	59,5%	29,8%	5,3%

Tabela I: Resultados da pesquisa

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da miscigenação do povo brasileiro, surgiu um pensamento equivocado que afirma que não há preconceito racial no Brasil. Esse pensamento mostra-se inverídico e incoerente pois, apesar de grande maioria da população não se considerar racista, o preconceito está presente de forma mascarada, ideológica e, quase que, intrínseca ao modo de pensar, (inter)agir e rotular outras pessoas. Nossa pesquisa em sala de aula confirma isso, uma vez que, apesar de todos os alunos terem declarado que não nutrem nenhum tipo de preconceito racial, foi a cor da pele das crianças mostradas na dinâmica que mais influenciou no julgamento sobre elas: Os de cor mais escura foram rotulados como “maus” enquanto os de cor mais claro “bons” e “merecedores”. Esta pesquisa faz parte do projeto “O Racismo em sala de aula” executada por alunos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) com apoio da CAPES, da Universidade Estadual da Paraíba e da escola Obdúlia Dantas. Esperamos que essa pesquisa traga contribuições aos estudos pedagógicos e sociais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branquitude- O lado oculto do discurso sobre o negro. In: Psicologia Social do Racismo – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 2002.

GUIMARÃES, A.S. (1999). *Racismo e antirracismo no Brasil.* São Paulo: editora 34.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* Companhia das Letras, 27ª ed. – São Paulo: Companhia de Letras, 2014.

MELLO, Laura de. *Natureza: Predominância do Edênico* in: *O Diabo na Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial.* São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MOURA, Gloria. *Ilhas negras num mar mestiço.* In: *Carta falas, reflexões, memórias.* RIBEIRO, Darcy. Brasília 4, n.13, 1994.

Link: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em 10/05/2015.